



A imprensa no interior paulista: o caso do AVAHY-JORNAL, 1927-1931¹

Aline SCARSO²

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, SP

RESUMO

O desenvolvimento da imprensa no interior paulista ainda é assunto pouco explorado nos círculos acadêmicos. Apesar das constantes obras sobre a história da imprensa de São Paulo, pouco se sabe sobre a evolução das técnicas e práticas jornalísticas nos jornais do interior. Nesse sentido, essa pesquisa tem como objetivo contribuir para o entendimento da produção jornalística interiorana, tomando, para tanto, o caso do semanário AVAHY-JORNAL, publicado entre os anos de 1927 a 1931 na cidade de Avaí, localizada a 327 Km da capital São Paulo. Além do estudo do planejamento gráfico e da linguagem do produto editorial, analisaremos o perfil-editorial da publicação enquanto expressão do domínio e dos interesses de uma elite política e economicamente influente na cidade durante a época estudada.

PALAVRAS-CHAVE: Imprensa do interior; política editorial; linguagem, formato, AVAHY-JORNAL.

TEXTO DO TRABALHO

O Brasil demorou mais de três séculos para desenvolver uma imprensa local devido à determinação de Portugal em se proibir a fundação de tipografias na colônia, fato que atravancou o desenvolvimento da imprensa nacional. Somente com a vinda da Corte Real em 1808, foram fundadas as primeiras tipografias e publicados os primeiros jornais em território brasileiro inaugurando o que Juarez Bahia chama de primeira fase da imprensa brasileira e que perduraria até as últimas décadas do século XIX³.

Além da imposição da censura régia até meados do século, essa etapa é fortemente caracterizada pela fragilidade econômica dos periódicos, pela produção essencialmente artesanal, e pela explícita ligação entre jornalismo e política. Essa última característica decorria fundamentalmente da subvenção das folhas por partidos e figuras políticas. Tal condição aproximava o fazer jornalismo ao forte apelo panfletário, com o uso de uma linguagem essencialmente opinativa e parcial.

¹ Trabalho apresentado no GT – Jornalismo e Editoração, do Iniciacom, evento componente do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.

² Aline Scarso – Graduanda do 7º termo de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus Bauru. Esse trabalho é resultado da pesquisa “A imprensa em Avaí: a cidade e o urbano no AVAHY-JORNAL”, sob orientação do Prof. Dr. Célio José Losnak e financiada pela FAPESP no período de março de 2007 a fevereiro de 2008.

³ BAHIA, J. **Jornal, História e Técnica**. História da Imprensa Brasileira. v.1. São Paulo: Ática. 1990.



Bahia destaca que com a inauguração da segunda fase da imprensa no Brasil a imprensa começa a viver um momento de reformulação e mudança de paradigmas. Para outro estudioso sobre o assunto, Nelson Werneck Sodré, a passagem do século é o momento de “transição da pequena para a grande imprensa”⁴. Apesar dos pequenos jornais, de estrutura simples, não desaparecerem do cenário de grandes cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, as “empresas jornalísticas, com estrutura específica, dotadas de equipamento gráfico necessário ao exercício de sua função” são predominantes nesse momento.

Dessa forma, a instalação das novas tecnologias de produção tipográfica vindas da Europa favorece a efetivação de uma imprensa industrial, capitalista, bem organizada financeiramente⁵, motivada por pensamentos e discursos positivistas e liberais. A adoção das rotativas italiana Marinoni, por exemplo, proporcionavam uma capacidade de produção muito elevada comparada as antigas Aluzet e aos prelos de madeira. O jornal “O Estado de São Paulo” (OESP) experimentou essa especificidade quando adquiriu sua primeira rotativa italiana na última década do século XIX e elevou suas tiragens 4 mil para 7.500 exemplares, número que chegaria a 35 mil em 1907⁶.

Aparatos tecnológicos como esse, ao mesmo tempo em que impulsionava a manutenção e o destaque do periódico na cidade, exigia grandes investimentos dos proprietários dos periódicos que também deveriam ter condições para arcar com os elevados custos de papel. Em contrapartida, o número elevado da tiragem contribuía para que as folhas fossem vendidas a preços muito mais acessíveis comparados a aqueles produzidos de maneira mais artesanal e em menores quantidades.

Além disso, os investimentos em educação e a expansão do periodismo contribuíram para que houvesse avanços no sentido de popularização da cultura letrada e, por extensão, aumento significativo do número de leitores.

Nesse período, outra característica marcante é a configuração da publicidade como importante elemento de sustentação financeira dos periódicos. Segundo Cruz, com a virada do século, “o reclame transforma-se numa das formas centrais de financiamento das publicações. O sucesso de um periódico, sua manutenção como uma

⁴ Ibidem, p. 295.

⁵ SODRÉ, N. W. **História da Imprensa no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

⁶ Ibidem, p. 182.



publicação competitiva e estável, passa a depender cada vez mais de sua capacidade de atrair recursos via propaganda”⁷.

Outra mudança ocorrida nesse período diz respeito à linguagem. Se até as últimas décadas do século XIX as publicações utilizavam-se de uma linguagem essencialmente panfletária, dada a sua clara subserviência aos partidos políticos, com a chegada do século XX e a influência do modelo norte-americano na imprensa brasileira, há a tentativa de se utilizar uma linguagem mais informativa, priorizando a separação de “fatos” e “opiniões”⁸. A notícia, se antes era vista como mais um dos componentes do jornal, vai se configurar como a sua principal matéria-prima, principal produto que o venderá.

Isso não significará, entretanto, que os impressos deixarão de defender discursos que favoreçam determinados grupos e pessoas ligadas ao poder. O próprio OESP foi o expoente maior do pensamento e da ideologia liberal que vigorava em todo país e, em especial, no Estado de São Paulo, sob a batuta do Partido Republicano Paulista (PRP)⁹.

Apesar de seus representantes garantirem o seu não-comprometimento com partidos e defenderem sua “neutralidade” e “imparcialidade” diante das questões nacionais, o diário atuou na vida social enquanto porta-voz de um grupo social específico, impondo à cidade um projeto de sociedade e reduzindo a polifonia do cenário urbano a uma monofonia de dizeres da elite do café¹⁰. Entretanto, as opiniões dos representantes do jornal eram explicitamente demonstradas em espaços mais reservados como nos artigos de fundo ao passo que eram mais diluídas nas notícias de caráter mais informativo.

De fato, a passagem do século XIX para o XX representou um período de reformulações na imprensa brasileira e a consolidação da grande imprensa nacional. Apesar da escassa quantidade de estudos acerca do jornalismo do interior paulista, é possível auferir que o desenvolvimento da imprensa no interior de São Paulo não acompanhou as especificidades no que se refere à linguagem, produção, difusão e comercialização estimuladas pela grande imprensa estadual e nacional.

A experiência de vida do AVAHY-JORNAL, lida página a página por esse pesquisador, comprova essa perspectiva. O periódico nasceu da iniciativa de Carlos

⁷ CRUZ, H. de F. **São Paulo em Papel e Tinta**: periodismo e vida urbana – 1890-1915. São Paulo: EDUC; FAPESP; Arquivo do Estado de São Paulo; Imprensa Oficial SP, 2000. p. 156.

⁸ TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo**, porque as notícias são como são. V.1. 2. ed. Florianópolis: Insular. 2005.

⁹ CAPELATO, M. H. R.; PRADO, M.L.C. **O bravo matutino**. Imprensa e ideologia: o jornal “O Estado de S. Paulo”. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980.

¹⁰ *Ibidem*.



Norberto Aliandro, Joaquim Rodrigues Marujo Filho e João Francisco Sornas na cidade de Avaí, situada à oeste do estado de São Paulo. Sua primeira edição é de 15 de novembro de 1927, data escolhida com a intenção de homenagear a programação da República, modelo político considerado como o ideal pelos representantes do jornal. A folha tinha circulação semanal, possuía quatro páginas e era vendida mediante assinaturas semestrais e anuais no valor de 10\$000 e 15\$000, respectivamente, e encerraria suas atividades em 27 de dezembro de 1931, totalizando 208 edições publicadas.

No que se refere à sua produção e ao seu planejamento gráfico, destacamos que seu caso se assemelha muito aos identificados por Bahia na primeira fase da imprensa nacional. O jornal era produzido de maneira rudimentar na “Tipografia Avaiense”, localizada no mesmo prédio da redação. Era lá onde eram montadas as chapas e impresso o semanário, somente nas cores preta e branca.

Nesse sentido, vale destacar que enquanto os grandes centros metropolitanos, como São Paulo, já contavam com modernos sistemas de impressão para a época, com “a substituição das antigas máquinas Alauzet pelas rotativas Marinoni, a linotipo e sua variação mais conhecida, a monotipo, elétricas”¹¹, o AVAHIY-JORNAL dependia ainda da montagem de chapas pelo tipógrafo, fato que indica tanto o baixo investimento em material quanto a pequena tiragem do jornal. Em alguns momentos, podemos observar textos bruscamente cortados porque não “couberam” na chapa, o que revela, além da característica artesanal da montagem das páginas, descuido por parte do tipógrafo e ausência de uma revisão final por parte dos representantes do jornal.

No entanto, é possível identificar certas particularidades na sua montagem que, ao longo de sua existência, conferiram suas características tipográficas. Geralmente, as duas primeiras páginas do semanário eram divididas em quatro colunas separadas pelo traço de três linhas finas pretas e nessas colunas os textos eram dispostos verticalmente.

São poucas as edições que fogem desse padrão, no entanto, há casos de editoriais publicados em duas ou até mesmo quatro colunas na horizontal. A disposição de extensos textos na posição vertical, ocupando a totalidade de uma coluna, resultava em uma leitura fragmentada e cansativa ao passo que a disposição dos mesmos na horizontal proporcionava uma leitura mais fluída e contínua, porém esse recurso, com já assinalado, não era muito utilizado.

¹¹ BAHIA, J. **Jornal, História e Técnica**. História da Imprensa Brasileira. v.1. São Paulo: Ática. 1990. p. 136.



Além disso, durante as 208 edições, a tipologia usada como fonte era essencialmente pequena, com exceção das fontes dos títulos, um pouco maiores e mais facilmente legíveis. Nesse sentido, vale destacar que as letras necessariamente minúsculas era um recurso que facilitava a publicação de materiais extensos numa mesma página. Por essa razão também, o espaço em branco era pouco valorizado, o que fazia com que os textos ficassem dispostos um ao lado do outro, extremamente próximos. Tal recurso aliado ao uso de fontes minúsculas e a não incidência de imagens como fotografias e ilustrações, além de tecnicamente significar mais espaço para a publicação de caracteres, também dá certo “ar” monótono e pouco atrativo para o jornal.

Não há uma preocupação explícita com o arranjo das matérias nas páginas por hierarquização de conteúdo. Notas sobre política, por exemplo, poderiam vir na primeira ou segunda página independentemente do grau de importância assumido pelo jornal, assim também como acontecia com a publicação da coluna esportiva sobre o time de futebol local e as notas sociais.

O que se percebe, contudo, é uma tentativa rudimentar de se montar uma chapa com diagramação lógica e padronizada, mantendo o cabeçalho do jornal e a disposição dos textos em quatro longas colunas na vertical e a separação das duas últimas páginas para a publicação dos anúncios comerciais.

Assim como acontecia com a imprensa nas grandes capitais brasileiras, os anúncios publicitários também serão importante elemento de sustentação do periódico do interior paulista. Geralmente as duas últimas chapas eram fixas, ou seja, quase nunca variam de edição para edição. Podiam-se passar meses sem que as chapas de anúncios fossem modificadas, fato que ocorria quando algum estabelecimento comercial abria mão de patrocinar o periódico.

No primeiro ano do jornal, os anúncios eram dispostos um ao lado do outro e ficavam “amontoadas”, “aglomeradas” devido a grande quantidade estimulada pelo aparecimento da folha no cenário urbano. Já nos períodos posteriores marcados pela escassez patrocínios devido à crise cafeeira fortemente sentida pelo município, a diagramação era mais limpa e sóbria. Há casos de duas e até mesmo uma publicidade por página e entre elas sempre se destaca a da Tipografia Avaiense, estabelecimento de propriedade dos sócios do semanário.

Ademais, faz-se necessário destacar que, além de nos permitir possíveis leituras sobre elementos de sustentação financeira, do índice de prosperidade do periódico e dos



serviços e produtos oferecidos na época¹², também revela a existência um grupo social que mantinha relações estreitas com o jornal. Nesse ponto, enfatizamos os constantes patrocínios de chefes políticos locais como Domingos Zulian (presidente do PRP local e dono das Agências Ford), João Xavier de Mendonça (vice presidente do PRP local e dono de estabelecimento de fundição), Dr. Nuno de Assis (médico e prefeito municipal), Alcindo Zulian (vereador e comerciante), João Garcia Villar (político do PRP posteriormente veiculado ao PD e comerciante), Dr. Carlos Ribeiro (médico e político veiculado ao PD).

Dessa forma, as propagandas, ao mesmo tempo em que proporcionaram independência financeira ao periódico, revela a afinidade editorial mantida entre jornal e lideranças políticas e econômicas da cidade. Nesse sentido, dialogamos fundamentalmente com a assertiva de Sodré sobre a estreita relação mantida entre política e jornalismo nos periódicos de cidades interioranas¹³ e com Bahia que entende a existência de uma estrutura jornalística ainda muito arraigada à questão política¹⁴ nos primeiros decênios do século XX.

De fato, o AVAHY-JORNAL antes de ser entendido como meio de sustentação financeira por seus representantes, era tomado enquanto uma ferramenta para propaganda política e difusão de projetos políticos e urbanos para a cidade e sua sociedade.

Apesar do periódico anunciar, desde a primeira à última edição, que sempre manteve “uma atitude imparcial, defendendo os interesses do povo, seguindo com altivez o programma traçado, que era o da independência do pensamento, o respeito ao regime e a integridade social”, faz-se necessário destacar sua prática jornalística se revelou bastante comprometida com os ideais e pensares propulsados por um grupo político e econômico na cidade vinculado ao Partido Republicano Paulista, que dominou a cena política local até outubro de 1930, portanto, durante a maior parte de sua existência.

Por optar não se assumir declaradamente representante ou simpatizante de nenhum grupo partidário e/ou político, o AVAHY-JORNAL justificava a razão de sua existência se pautando no “índice de progresso e de cultura” que trazia à cidade, sustentando que “a imprensa traduz civilização, moral, ciência e progresso, alavancas

¹² CRUZ, H. de F. **São Paulo em Papel e Tinta**: periodismo e vida urbana – 1890-1915. São Paulo: EDUC; FAPESP; Arquivo do Estado de São Paulo; Imprensa Oficial SP, 2000.

¹³ SODRÉ, N. W. **História da Imprensa no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

¹⁴ BAHIA, J. **Jornal, História e Técnica**. História da Imprensa Brasileira. v.1. São Paulo: Ática. 1990.



primordiais para o bom desenvolvimento de qualquer localidade”¹⁵ e, nesse sentido, o impresso era, “imprescindível à nossa cidade. Tornou-se necessidade”¹⁶.

Já em sua primeira edição, o jornal se comprometeu a atender “a tudo e a todos”. A intenção orgulhosamente ostentada por ele era preencher a lacuna deixada em aberto depois de terem desaparecido os antigos periódicos que circulavam em Avaí¹⁷, portando-se como de articulador e divulgador das informações sobre a vida cotidiana da pequena cidade que, à época, contava com 22 mil habitantes¹⁸.

No entanto, sua ação ia além de um veículo de informação. O periódico significaria, essencialmente, meio divulgador de interesses e propostas político-partidárias de lideranças locais estrategicamente alocadas nos setores da administração pública. Nesse sentido, apesar da declarada imparcialidade, a afinidade mantida entre semanário e política local é claramente observada desde seus primeiros meses de vida até a consolidação de Getúlio Vargas na União e do Partido Democrático na cena política da cidade.

Tanto o incremento da publicidade como recurso de manutenção financeira do jornal quanto às notas sociais que, a cada semana, forneciam informações sobre a dinâmica dos moradores - suas atividades comerciais, suas idas a São Paulo ou cidades vizinhas, a saúde e o estudo de seus filhos, os bailes de aniversários de suas esposas – são sinais iniciais do estreitamento do jornal com as elites políticas e econômicas locais da época. Além disso, a representatividade social do grupo editorial também era outra questão reveladora dos laços de amizades mantidos entre os sócios do periódico e o grupo. Nesse sentido, não eram poucas as notas nas quais os representantes do jornal revelavam terem sido convidados para os chás dançantes, os leilões beneficentes, as inaugurações comerciais ou outros eventos organizados pela e para as elites.

Sobre isso, destacamos a edição do dia 19 de janeiro de 1930 na qual o redator-chefe Carlos Norberto Aliandro conta que chegara atrasado à seção de posse dos novos elementos que assumiriam os cargos para vereadores no ano de 1930, juntamente com o chefe político Domingos Zulian. Diante o percalço, perdera a leitura do relatório apresentado pelo prefeito Nuno de Assis sobre o balancete de contas durante sua administração do ano de 1929, lido pelo vereador e também patrocinador do jornal

¹⁵ O nosso primeiro número. **AVAHY-JORNAL**. 20 nov. 1927. p.1.

¹⁶ Novo anno. **AVAHY-JORNAL**. 11 jan. 1931. p.1.

¹⁷ **AVAHY-JORNAL**. **AVAHY-JORNAL**. Avaí. 15 nov. 1927. p.1. O semanário referia-se ao “O AVAHY”, de 1920, e ao “O Município”, de 1925.

¹⁸ ERCILLA, A. M. de, PINHEIRO, B. **Zona Noroeste – 1928**. São Paulo: Sociedade Imprensa Paulista. 1928.



Alcindo Zulian. Segundo o redator, demonstrando um “acto de gentiliza”, o vereador pediu permissão aos demais presentes para que pudesse ler novamente o relatório “para que nós, os atrasados, ouvíssemos”. Aliandro agradeceu e afirmou que “tivemos, por parte do snr. Alcindo Zulian, uma prova de amizade e sympatia que muito nos capturou”.¹⁹

Esse estreito vínculo sustentado entre jornal e administração local também é claro na notícia veiculada no dia 17 de agosto de 1930, na qual o semanário desmente a afirmação publicada no “Jornal da Manhã”, periódico de Bauru, sobre o afastamento do prefeito Nuno de Assis, líder do PRP na cidade, e a entrega da política da cidade para os produtores rurais Domingos Zulian, João Xavier de Mendonça, Gomes Berriel e Francisco Tozoni de Carlis. Aliandro agradece o jornal bauruense pela lembrança “de seus elementos aproveitáveis”, mas afirma, veementemente, que Nuno de Assis não deixará o cargo de prefeito:

Fallamos com inteira precisão porque o nosso redator-chefe é intimo das rodas políticas, gozando, muitas e muitas vezes, o papel de confidente, com certeza devido ao critério com que tem agido²⁰.

Além disso, aproveita o texto para lembrar a todos que o administrador:

Tem tido uma orientação muito feliz como prefeito (...), inspirando-lhe mais confiança. Tem trabalhado com afinco, em tudo que diz interesse ao município; tem se interessado por iniciativas locais e nas eleições de março, foi heroe da defesa da causa governista. Além disso, goza de boa amizade entre todos os seus companheiros, o que nos leva a afastar qualquer idéia da sua retirada do elevado cargo que occupa²¹.

Nesse ponto, é importante destacar também a nota sobre a escolha da chapa de vereadores pelo PRP que, se eleita, teria por função governar a cidade no triênio de 1929 a 1931 é reveladora da política editorial assumida pelo impresso. Em nota o jornal declara que “depois de consultado e bem visto os interesses do município e ouvido as correntes políticas” o PRP local acertou os nomes para vereadores do médico Dr. Nuno de Assis, dos fazendeiros João Pereira Novo, Oscar Moraes Pessoa e Joaquim Carlos Coimbra e dos comerciantes Alcindo Zulian e João Garcia Villar. Tanto o jornal quanto o diretório PRPista declararam a confiança na vitória sem discrepância dos escolhidos na urna, confiantes na política coronelista (não assumida) que imperava no município.

¹⁹ Câmara Municipal. **AVAHY-JORNAL**. Avaí. 19 jan. 1930. p.1.

²⁰ Vae ser modificado o directório político de Avahy. **AVAHY-JORNAL**. Avaí. 17 ago. 1930. p.1.

²¹ Ibidem.



O fato seria comprovado no mês seguinte, com o sufrágio de todos os nomes escolhidos para administração do município. A escolha foi alvo de constantes elogios do jornal, o semanário confessa que “queremos ser os primeiros a declarar o grado que nos proporcionou a chapa para a próxima eleição dos vereadores para o triênio que se aproxima. É ella cheia de gente moça e disposta para a defesa constante dos nossos interesses”.

Nesse sentido, o periódico dialoga com os preceitos defendidos pela teoria da Ação Política que entende o uso jornalismo como meio para a manutenção de determinados grupos no poder, revelando-se extremamente partidário, comprometido em divulgar e ratificar os anseios e interesses de elementos dominantes da política local com acesso aos meios de comunicação e não necessariamente preocupados com os interesses do restante da população.

Sob essa perspectiva, todas as ações dos grupos dominantes eram vistas como progressos indispensáveis a Avaí, resumo do esforço de pessoas realmente empenhadas no crescimento e desenvolvimento do município, não havendo, dessa forma, uma posição crítica em relação aos administradores da urbe, e sim uma ratificação dos seus pensares, intenções e interesses.

Nas raras oportunidades em que cobrou da administração uma postura mais firme em relação aos investimentos e melhorias físicas locais, como a instalação do saneamento básico, os textos eram repletos de pedidos de perdão pelo “desabafo audacioso”, seguido pela assertiva de que Avaí estava entregue em boas mãos.

O fato é que, durante a maior parte do período em que existiu, poucas foram as vezes que o AVAHY-JORNAL contemplou discursos divergentes sobre questões político-partidárias, construindo uma narrativa pautada pela unilateralidade, pelos interesses políticos e econômicos das elites da qual se fez representante.

A defesa da instalação de uma instituição de crédito no município, por exemplo, corrobora essa assertiva. A idéia de um banco local partiu do deputado por Santa Fidélis Gomes Berriel, os coronéis João Xavier de Mendonça e Domingos Zulian, o coletor federal Francisco Tosoni de Carles, e os comerciantes João Garcia Villar, Alcindo Zulian e Gustavo Porto. Representavam, portanto, parte da administração pública da cidade e uma elite que mantinha laços muito estreitos com o AVAHY-JORNAL, em especial a família Zulian e Mendonça de Xavier, seja como líderes políticos ou patrocinadores do impresso.



O jornal por quase um ano encampou a campanha para a inauguração do banco local, afirmando que a instituição evitaria o deslocamento dos munícipes até Bauru para fazer transações bancárias e significaria mais uma marca de progresso em Avaí, o início de “uma nova era de realizações” no município. O texto de Augusto Sênior é revelador nesse sentido:

O objetivo do banco é patriótico e alimenta as forças productivas da nação, é humanitário e promove o bem estar moral e material de um povo, é progressista e impulsiona calorosamente todos os empreendimentos de ordem material e estas três razões são mais que suficientes para que digamos bem alto e a bom som da nobreza e do civismo daquelles que almejam dotar Avahy desta instituição verdadeiramente benéfica, e que trará para todo o município uma nova era de realizações e surpresas bellas²².

Ademais, a existência de um estabelecimento de crédito local proporcionaria para Avaí o progresso já alcançado por outras cidades que entendiam a existência de um banco “como testemunho de adiantamento”, Além disso, o jornal insistiu na idéia de que uma economia “segura” como a avaiense precisaria e mereceria um banco igualmente seguro, que batalharia para o desenvolvimento e progresso de todos, dos mais abastados aos mais pobres. Entretanto, quem mais ganharia com o investimento se não os seus próprios idealizadores? E não eram esses os representantes da elite política e econômica dominante na cidade? Destacamos também que após a fundação do banco, ganhou também o AVAHY-JORNAL, conquistando mais um patrocinador para suas edições semanais como agradecimento a sua intensa campanha.

Essa subserviência aos interesses e projetos de uma classe burguesa intimamente ligada à administração pública e, conseqüentemente, a política PRpista que imperava na cidade também ficou comprovada por meio das eleições presidenciais de março de 1930, na qual Julio Prestes era candidato pela situação. Nessa oportunidade, também ficou claramente demonstrado o comprometimento do órgão de imprensa com a elite política local, expressando o que sugere Ortet, sobre “a participação da imprensa do interior na vida do município [ainda nos dias atuais] ‘é compromissada e comprometida e, comumente, reflete as tensões, a disputa, a liderança e as paixões políticas presentes no grupo social em que se insere’”.²³

²² A grande obra do momento. **AVAHY-JORNAL**. Avaí. 26 fev. 1928. p.1.

²³ ORTET apud LOPES, D. F. Em busca de um perfil do jornal do interior de São Paulo. In: LOPES, D.F., SOBRINHO, J.C., PROENÇA, J.L. (Org.). **A evolução do jornalismo em São Paulo**. 2. ed. São Paulo: ECA/ USP, 1998, p. 123.



Durante aproximadamente um ano de campanha, o semanário destacou quase que semanalmente as atividades do Diretório do PRP na cidade, da qual seu redator-chefe Carlos Norberto Aliandro era membro atuante, e publicou textos enobrecendo as qualidades do candidato oficial em detrimento do pretendente da Aliança Liberal Getúlio Vargas.

Essa parcialidade escancarada, mas não assumida pelos ideais e interesses defendidos pelos líderes PRpistas da cidade, se caracterizou como fio condutor da política editorial do jornal e estimulou o exercício de um jornalismo essencialmente parcial e comprometido.

Tal condição foi fundamental para analisar e entender a sua linguagem. Não há, portanto, nesse pequeno jornal do interior paulista a inclinação à objetividade seca e à linguagem essencialmente informativa, recursos experimentados pela grande imprensa brasileira no século XIX e nas primeiras décadas do século XX no Brasil²⁴. Antes, há a existência de uma técnica de linguagem jornalística muito ligada ao rebuscamento, à opinião, adjetivação e parcialidade, que nunca teve a intenção de construir uma suposta barreira sólida com a função de separar “fatos” e “opiniões”.

Até mesmo nas notícias “mais informativas” sobre inaugurações de prédios comerciais, instituições de trabalhadores, associações de pais e mestres, por exemplo, percebe-se que é característica desse periódico recorrer constantemente aos adjetivos e tecer considerações. A notícia a seguir, sobre a inauguração da Associação dos Lavradores no município, é reveladora dessa prática de linguagem:

[a Associação] vem esboçando um verdadeiro e positivo movimento de classe. A associação que se destina a fins comerciais e representativos, vem tendo mais franco apoio de todos os lavradores, principalmente agora em que as dificuldades comerciais se avolumam. Ella se tornará um facto, soerguendo a lavoura da lectargia, descobrindo os mais amplos horizontes promissores de um futuro que aliás se faz juz.

Mesmo se tratando de uma nota “informativa”, observa-se que a linguagem é essencialmente opinativa e adjetivada (“verdadeiro e positivo movimento”, “amplos horizontes promissores”, “soerguendo a lavoura da lectargia”) como se, além de informar sobre a existência da Associação dos Lavradores no município, também funcionasse como um convite para os demais agricultores se aderirem à instituição.

²⁴ SODRÉ, N. W. **História da Imprensa no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.



Entretanto, faz-se necessário destacar que a linguagem essencialmente opinativa que caracteriza a produção do AVAHY-JORNAL quase como um todo sofreu um hiato com relação às notas políticas depois do movimento revolucionário de 1930. O semanário que desde seu nascimento era abertamente simpático ao programa do Partido Republicano Paulista, comportando-se, inclusive enquanto porta-voz de seus representantes locais (assunto que será aprofundado no tópico seguinte), utilizará uma linguagem mais objetiva, menos adjetivada e opinativa para discorrer sobre assuntos polêmicos sobre a política getulista, evitando tecer comentários como forma de não demonstrar explicitamente suas preferências partidárias e ideológicas, estratégia que lhe permitiria driblar a censura policial instaurada na cidade.

A adoção de estilo de linguagem jornalística mais informativa com relação aos temas que retratassem de política exprime a auto censura encarnada pelo periódico, surgida após a circulação de edital publicado no jornal no dia 19 de outubro de 1930 que determinava a repressão de todos os jornais, boletins ou demais publicações que fizessem críticas ao movimento revolucionário e às suas autoridades ou que produzissem notícias, boatos, ou comentários tendenciosos que pudessem fazer apologia às idéias subversivas.

No entanto, a atenuação da parcialidade condicionada ao PRP e o cuidado com o discurso partidário não significou pode ter significado uma mudança na linguagem, mas não na orientação editorial do semanário. Mesmo porque ainda continuavam ser publicados questões que se referiam a elite política e econômica PRPista, principalmente no que se refere às notas sociais, espaço onde continuou sendo elogiada e merecendo destaque.

E, nesse sentido, também não seria incorreto afirmar que o semanário teceu inclusive críticas ao novo governo instaurado, nas entrelinhas dos textos. Várias poesias com temas sobre “Liberdade” e artigos sobre a perseguição política implantada pelo governo soviético na Rússia²⁵ foram publicados, evidenciando seu caráter ambíguo quando translocados para o momento nacional. Outro texto revelador é o editorial intitulado “Gente-moça” que tinha como mote os constantes editais publicados pelo novo governo sobre os mais diversos assuntos como, por exemplo, a publicação do decreto que proibia a condução de aves de qualquer espécie “de cabeça para baixo” bem

²⁵ Conforme já destacamos, Prado e Capelato chamam a atenção sobre o comportamento adotado pela grande imprensa do estado de São Paulo, em especial “o Estado de S. Paulo” que, a princípio, ligava a ascensão de Vargas ao perigo da implantação do comunismo no Brasil. Tal preceito pode também corresponder a maneira como o AVAHY-JORNAL enxergava o novo governo.



como maltratar os animais em geral publicado no dia 01 de fevereiro de 1931 pelo jornal:

Nessa vontade férrea de tudo reorganizar, os membros do nosso actual governo, quer sejam os secretários das diversas pastas, ou mesmo o sr. Interventor, apresentam quase que diariamente, novos decretos, cada qual mais digno de elogios e boas apreciações. (...) E assim, uma longa serie de bons e fructiferos decretos, nos quaes se vê como a gente que nos lugares importantes está é verdadeiramente “gente-moça”²⁶.

Explicitamente, o texto defende que os freqüentes decretos eram resultados da “vontade de trabalhar proficuamente” de “todas as pessoas que acceitaram e se acham à testa dos cargos públicos de importância”. Contudo, nas entrelinhas, revela-se um discurso crítico sobre a forma de governar mediante decretos. Nesse sentido, a expressão “gente-moça” ao passo que pode indicar boa vontade e força para trabalhar (o que poderia, portanto, justificar a grande quantidade de decretos) também sugere inexperiência das autoridades que, apesar de vontade e disposição, muito precisavam aprender com os antigos líderes, mais sábios e experientes.

Sob essa perspectiva notamos que mesmo na fase final de sua existência (correspondente aos meses finais de 1930 e ao ano de 1931), o AVAHY-JORNAL configurou-se porta-voz e representante de um grupo político e economicamente dominante na cidade. Ao longo de sua existência, selecionou-se e hierarquizou-se fatos e acontecimentos, imprimiu-se “status” de verdade aos pontos de vistas dos elementos do PRP, privilegiou-se e creditou-se fontes específicas ligadas às elites, comportando-se de forma explicitamente parcial a favor dos pensares e ideais do Partido Republicano Paulista. Além disso, guardou especificidades no que se refere a sua linguagem e formato gráfico quando comparada com a imprensa das grandes capitais das primeiras décadas do século XX. Esperamos, dessa forma, que essa pesquisa possa servir de subsídio para os futuros estudos sobre o desenvolvimento do jornalismo no interior, área muito rica mas ainda incipientemente explorada pelo universo acadêmico.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, G.T. de. **Imprensa do Interior – um estudo preliminar**. São Paulo: Convênio IMESP/DAESP, 1983.

²⁶ Gente-moça. AVAHY-JORNAL. Avaí, 08 dez. 1931. p.1.



BAHIA, J. **Jornal, História e Técnica**. História da Imprensa Brasileira. v.1. São Paulo: Ática. 1990.

CAPELATO, M. H. R.; PRADO, M.L.C. **O bravo matutino**. Imprensa e ideologia: o jornal “O Estado de S. Paulo”. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980.

CRUZ, H. de F. **São Paulo em Papel e Tinta**: periodismo e vida urbana – 1890-1915. São Paulo: EDUC; FAPESP; Arquivo do Estado de São Paulo; Imprensa Oficial SP, 2000.

ERCILLA, A. M. de, PINHEIRO, B. **Zona Noroeste – 1928**. São Paulo: Sociedade Impressora Paulista. 1928.

LOPES, D. F. Em busca de um perfil do jornal do interior de São Paulo. In: LOPES, D.F., SOBRINHO, J.C., PROENÇA, J.L. (Org.). **A evolução do jornalismo em São Paulo**. 2. ed. São Paulo: ECA/ USP, 1998.

SCHWARCZ, L. M. A Imprensa Paulistana In: **Retrato em Branco e Negro**. Jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras. 2001. p. 55-96.

SODRÉ, N. W. **História da Imprensa no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo**, porque as notícias são como são. V.1. 2. ed. Florianópolis: Insular. 2005.